

# As Virtudes da Cautela

**James Hillman**

Um apelo ao despertar de nossas respostas estéticas

Avareza, gula, vaidade, lascívia, inveja, ira, preguiça – a estes clássicos sete pecados capitais, de acordo com Aldous Huxley, nós modernos, a despeito de nosso gênio inventivo e depois de tantos séculos, só fomos capazes de acrescentar um único novo pecado. Qual? Pressa, afobação, correria, velocidade, ímpeto, aceleração. Nosso *Zeitgeist* [espírito do tempo] é regido pelo *Geist* [Espírito] do *Zeit* [Tempo]. Vivemos numa economia da pressa, e o próprio planeta aquece com a energia de nossa rapidez. Tempo é dinheiro e, por isso, velhos adágios como: “devagar se vai ao longe”; “olhe antes de saltar”; “mais vale prevenir do que remediar”; “os tolos correm por onde os anjos hesitam em pisar”; “cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”, são rejeitados .

A pressa, o espírito rápido do tempo, afeta também a biologia humana. A menarca ocorre cada vez mais cedo; as crianças crescem mais rápido; os atletas quebram recordes pulando obstáculos mais depressa, saltando mais alto e mais longe. E a rapidez afeta nossos diagnósticos psiquiátricos: quem quer ser considerado lento, retardado, passivo, retraído, regredido, fixado....?

O tempo é imaginado como um rio que corre e adquire velocidade conforme vai fluindo sempre numa mesma direção, e, por isso, “aquele que vacila está perdido”, como se costuma dizer. A cautela então só pode ser imaginada como timidez, pessimismo, obstinação recalcitrante, teimosia e um estúpido apego a modos antigos. E, mais ainda, as imagens e a retórica que urgem cautela e resistência à corrida impetuosa, revivem as imagens e a retórica de um antigo deus da cultura Mediterrânea e Renascentista, Saturno/Cronos – velho, lento, frio, negativo, estável, limitador e avaro, um inimigo da mudança.

Assim, quando o princípio de precaução entra no debate público, os partidos se agrupam por linhas arquetípicas, até mesmo míticas. De um lado, otimismo, futurismo, expansão, pensamento positivo, um avanço progressista indo de encontro aos obstáculos a medida em que surgem, para vencê-los com redobrada energia. Essa é a mente heróica, movendo-se decididamente para frente, à altura de qualquer desafio, confiante em sua própria habilidade. Nenhum monstro é grande demais, nenhuma parede completamente impenetrável.

Enquanto o tempo for imaginado segundo o impulso heróico, a cautela será, por princípio, condenada. Ela só pode ser vista como bloqueadora, como aquilo que freia, como uma barreira no rio que impede seu curso produzindo remansos e poças estagnadas. A cautela guarda apenas a face que lhe é atribuída pela noção heróica unilateral.

Três outras características de nossa época são lançadas de roldão nesse mesmo rio: os cultos da tecnologia, a competição e a celebridade. As principais melhorias trazidas por mudanças tecnológicas, até a era da computação eletrônica, eram poupadoras de trabalho e de espaço. Um avanço tecnológico era mensurável pelo número de horas de trabalho que uma máquina poupava e a esta podia compactar e reduzir materiais para tamanhos mais maleáveis e transportáveis. Mas agora a mudança tecnológica traz principalmente o benefício da velocidade: um maior número de coisas feitas mais rapidamente. O que é poupado é o tempo.

O tempo também amaldiçoa os prazeres da descoberta. Não é mais suficiente experimentar, ponderar placidamente, descobrir. Há uma pressão competitiva esmagadora para ser o primeiro a anunciar uma fórmula, um método, um produto. O primeiro a publicar pode ganhar um premio Nobel; o primeiro no mercado tem o maior lucro. Estamos na era dos atalhos, da

espionagem corporativa e de resultados falsificados – tudo isto devido à competição. Como numa corrida a pé, só aquele que chega em primeiro lugar se qualifica; os outros são perdedores. Uma cultura que promove os vencedores consegue mais e mais perdedores. Gosto de recordar um preceito da religião *Sikh*: “Fique sempre em segundo lugar”. A precaução como virtude.

O culto da celebridade – a idéia que cada um de nós pode ter seus “quinze minutos de fama”, nas palavras de Andy Warhol - alterou radicalmente a noção de fama. Na época romana, ou durante o Renascimento, a *fama*, ou reputação, era imaginada como se fosse um espírito companheiro invisível, o gênio herdado de um ancestral. Este era mais precioso do que a própria vida, devia ser servido, honrado, enaltecido por ações, mantido imaculado. Seus benefícios duradouros passavam para os herdeiros, legado à gerações futuras como o brasão e o nome de família. Atualmente a fama foi acelerada e substituída pela celebridade, palavra cuja raiz é aparentada com *celeritas*, *celeritatis* e com a palavra - inglesa e portuguesa - ‘aceleração’.

Haveria outra maneira de considerarmos o princípio de precaução sem ser a partir de premissas míticas e imagens de um ego heróico apressado? E, por falar nele, o ego heróico, cujo epítome na mitologia mediterrânea foi Hércules, enlouqueceu depois de correr por seus doze trabalhos e precisou descer ao mundo subterrâneo das sombras e dos mortos ou, em outro conto, sentar-se quieto e fiar, girando e girando a mesma roda, todo avanço exaurido.

É importante lembrarmos ao que se refere, mais precisamente, esse princípio de precaução. Não vou defini-lo por meio de declarações nem de acordos internacionais onde está incorporado a protocolos. Nem mesmo o definirei por meio das políticas dos governos da Alemanha e da Suécia onde tem força de lei. Em vez disso, minha definição vem de uma fonte bem diversa, da Administradora da Agência de Proteção Ambiental da atual administração Bush, Christie Whitman, que afirmou, em Washington, nos Encontros da Academia Nacional de Ciência:

“Os formuladores de políticas precisam adotar uma abordagem cautelosa em relação à proteção ambiental... Precisamos reconhecer que a incerteza é inerente à condução dos recursos naturais, reconhecer que em geral é mais fácil prevenir o dano ambiental do que repará-lo mais tarde e precisamos passar o ônus da prova daqueles que advogam a proteção para aqueles que propõe uma ação que pode ser danosa.”

Até aqui tudo bem, mas a declaração de Whitman permanece no nível das intenções – como proceder melhor, ou como não proceder. E quanto aos fins que os meios servem? Qual é o propósito mais amplo de um projeto, qual é seu *telos*, em termos de Aristóteles, “aquilo por causa do que” o projeto foi concebido? Se os fins são a vantagem competitiva, o aumento do lucro, vantagens de taxações, será que esses fins não desqualificam os meios, a despeito de quão protetores sejam do meio ambiente? Suponha, no entanto, que os fins pareçam mais nobres – curas mais garantidas, uma Terra mais fria, águas limpas, conservação das espécies – os meios então se justificam pelos fins?

A filosofia moral sustenta que fins a longo termo, não importa quão nobres sejam, nunca podem justificar meios de curto prazo, mas que os fins devem mostrar sua nobreza a cada momento do emprego dos meios. O princípio de precaução tem algo a oferecer aqui para resolver este dilema da correlação fins e meios. Que, na economia corporativa predatória, eles estão muito bem correlacionados é visível por todo o mundo: exploração dos recursos minerais (fins) correlacionado com meios de devastar a Terra, oprimir povos autóctones, destruir o equilíbrio ecológico, deteriorar a cultura. Como é possível correlacionar meios e fins de maneira positiva?

Ao diminuir a velocidade e questionar os meios mais evidentemente eficientes, a precaução incita inovações e experimentos. Um convite à Hermes, o de mente mercurial, para testar maneiras previamente não imaginadas de se chegar aos mesmos fins e que estejam de acordo com esses fins. A necessidade causada pela cautela, na verdade, se torna a mãe da invenção.

Sou um psicólogo e, como tal, além de vantagens razoáveis e implicações míticas, preciso oferecer um chão psicológico à cautela. Três tipos de fundos de cena são particularmente interessantes de serem lembrados.

O primeiro é a máxima hipocrática: *primum nihil nocere*. Antes de tudo, acima de tudo, primeiro, não faça mal, não prejudique nada. Antes de qualquer ação, ou plano de ação, antes de tudo, considere o lado ruim antes do bom. Considere os riscos ao invés dos benefícios. Os gastos de pesquisa devem abordar os piores cenários possíveis e estender na íntegra a noção de “fazer mal”.

A máxima hipocrática sugere, ao menos, duas idéias. Primeira, que a intervenção nos modos do mundo, apesar das ilusões que a bondade heróica coloca em suas ambições, sempre atrai uma sombra. O yin acompanha o yang, sempre e em toda parte. Pese as conseqüências do que pode estar no lado obscuro de sua ânsia em ajudar, de sua visão clara. Segunda, essa máxima implica que a Terra tem suas próprias virtudes e forças: a natureza pode estar agindo de maneiras tais que nossa falta de precaução não nos deixa perceber. A cautela hipocrática traz consigo um fundo de animismo antigo, de respeito pela dignidade e poder dos fenômenos. Solicita uma escuta atenta dos fenômenos, além do custo benefício e das determinações de risco, para que se possa descobrir *seu* valor e suas intenções além das nossas, de modo a podermos trabalhar com eles, até mesmo seguir a liderança *deles*, pelo seu bem assim como pelo nosso.

O próximo pano de fundo para o princípio de precaução é o *daimon* de Sócrates. Em vários trechos dos escritos de Platão, Sócrates é descrito como alguém que se detém diante de uma ação devido à intervenção de seu *daimon*. Este *daimon*, espírito, anjo, voz interior, gêmeo invisível, este “fator psíquico autônomo” (Jung), foi denominado “espírito cauteloso” pelos comentadores desses textos. Dentre as passagens que lembramos, a mais famosa de suas aparições se dá na cela onde Sócrates aguarda a cicuta. Quando lhe indagam porque não fugira, ele responde que não fora incitado a isto por seu *daimon*, pois, explica a seguir, o espírito acautelador nunca diz a alguém o que fazer, só o que não fazer; ele age unicamente como cautelar. Ele fala de uma maneira peculiar: não estatística e nem cientificamente, mas como anedota ou superstição, sintomaticamente com augúrios, pistas e sussurros; até mesmo através de eventos corporais como espirros, bocejos e soluços.

Um terceiro fundo de cena psicológico para a cautela é, muito simplesmente, o *background* endêmico das sociedades ocidentalizadas em qualquer lugar: a depressão. A depressão torna mais lentas as diligências heróicas; a própria idéia de ação é demais! Por isso, a depressão, quer da psique quer da economia, é desesperadamente temida nas sociedades ocidentalizadas e todas as medidas possíveis são mobilizadas contra ela. A pressão que sentimos, as drogas que tomamos, as expectativas que nutrimos e os ditados da expansão econômica global são todas medidas anti-depressivas. A psiquiatria poderia facilmente dizer que o impetuoso avanço do rio é uma defesa maníaca contra a depressão.

A precaução, desta perspectiva, tem pouco valor. De fato, a oposição furiosa que o princípio de precaução provoca, conforma-se exatamente aos acessos de fúria de pacientes maníacos quando são interrompidos, acalmados ou instados a repetir-se. Sugerir cautela numa sociedade maníaca é entendido por ela somente como depressão e, por isso, o princípio de cautela deve ser introduzido em termos maníacos como inovador, progressista, penetrante, visionário e benéfico em escala mundial. O que, sem dúvida, ele poderia muito bem ser!

Além dos backgrounds hipocrático, socrático e depressivo à psicologia da cautela, há um quarto pano de fundo: a beleza. Como Tomas de Aquino observou, e James Joyce repetiu, a

beleza pára o movimento. A Beleza nos arrebatava. Retemos a respiração, ficamos surpresos ou maravilhados, espantados ou mesmo aterrorizados, como disse Rilke. Essa suspensão momentânea em face de um momento de beleza também é verdadeira para a feiúra, pois, como disse Plotino, a feiúra faz a alma recuar para dentro de si mesma e voltar-se para um outro lado.

A apreensão, “ahh-h”, está na raiz da palavra ‘estética’. Essa resposta estética, quer ao feio ou ao belo, mostra uma compreensão instintiva e imediata com respeito ao mundo, anterior aos julgamentos estéticos e aos discernimentos. A beleza recai sobre nós num relance, nos agarra e solta. O horror faz o mesmo. A resposta estética é dada com a psique, como um *daimon* interno acautelador que nos detém, como o humor depressivo que recusa a ação.

A beleza, porém, impele à ação. Isto é, a resposta estética simples conduz ao protesto estético contra a feiúra por um lado, e, por outro, ao desejo estético de preservar, proteger e restaurar o belo. Sem dúvida, várias tentativas de conservar podem se transformar em conservadorismo reacionário, hostil à mudança tecnológica. Mas ir para trás não é a intenção da resposta estética, nem da precaução. Voltar para trás resulta da identificação da beleza com o momento particular de sua aparição; um estilo singular, que então se cristaliza numa ideologia da beleza, quer seja em naturalismo, romantismo, modernismo, formalismo, nacionalismo, populismo, vernaculismo ou idealismo. Cada um desses termos mantém cativa a resposta estética, acorrentada a um dogma e privada de sua espontaneidade cândida. Mas, o que esta resposta busca mais livremente é uma sensibilidade e largueza intensificadas para poder se por em jogo mais vezes e mais perceptivelmente. Em outros tempos, isto era denominado aperfeiçoamento gradual do bom gosto.

Aqui é preciso distinguir o momento de parada do movimento de uma identificação com a própria parada, como se a beleza precisasse ficar imóvel. Porque a beleza, como a cautela, não foi feita para ficar quieta. O ditado não é “Não salte”, mas “*Olhe antes de saltar*”. A beleza só quer que nós detenhamos por um momento o insensato e insensível impulso para frente afim de abrir os sentidos ao provocar a resposta estética. Então, conforme o momento de suspensão escapa, o princípio de precaução pode incorporar à suas explorações inovadoras uma consciência estética, insistindo que qualquer plano ou projeto não negligencie a exigência que faz à beleza, ou aos efeitos deletérios da feiúra.

Se conseguíssemos despertar nosso sentido de seu entorpecimento psíquico, da anestesia, vários dos produtos e dos programas, o próprio rio do tempo - acelerado em seu curso pelos poderes que regem os governos, a economia, as corporações, a mídia e as indústrias - desacelerariam o suficiente para infiltrar-se por outros canais, por canais nunca dantes irrigados e que, por isso, nunca tiveram oportunidade de vicejar.

A anestesia parece ser necessária à resistência heróica. Como um cavalo com anteolhos, a vista fixada no prêmio, o herói corre com ímpeto para a feiúra – o próprio mundo que construiu. Estivessem despertas nossas respostas estéticas, não precisaríamos das admoestações implícitas no princípio de precaução – nem mesmo nos avisos hipocráticos e nos augúrios socráticos. A resposta estética individual humana alteraria o próprio curso da história e a forma das coisas meio as quais vivemos.

Nossos narizes, assim como nossos olhos e ouvidos, também são instrumentos políticos, protestadores. Uma resposta estética é uma ação política. Como o *daimon* de Sócrates que indica somente o que não fazer, nós também sabemos instintiva e esteticamente quando um peixe está podre, quando o senso da beleza é ofendido. Defender esses momentos – e esses momentos ocorrem todos os dias, dentro de todos os prédios de escritório sem janelas; quando sentados em todas as cadeiras capengas ou inundados por ruídos sem sentido e engordados com alimentos industriais – nos posicionar a favor de nossas respostas, essas reverberações estéticas da verdade na alma, pode ser o principal ato cívico do cidadão, a origem da cautela e do próprio princípio de precaução com seus avisos para parar, olhar e escutar.

Tradução de Norma Telles

\* Publicado originalmente em Resurgence No.213, July/August 2002.

Esta tradução foi publicada em *Margem*, nº15. São Paulo: FCS e PEPG-CSeH da PUC-SP, junho 2002pp.87-94.